




**A CALIGRAFIA DE DEUS E A ZONA FRANCA DE
MANAUS: EDUCAÇÃO, LITERATURA E HISTÓRIA
NOS CONTOS DE MÁRCIO SOUZA**

**THE CALLIGRAPHY OF GOD AND THE MANAUS
FREE TRADE ZONE: EDUCATION, LITERATURE AND
HISTORY IN THE TALES OF MÁRCIO SOUZA**

Vívia Nascimento Fonseca*

Universidade Federal do Pará - UFPA

 <https://orcid.org/0000-0001-7784-5915>

nvivia307@gmail.com

César Martins de Souza**

Universidade Federal do Pará – UFPA

 <https://orcid.org/0000-0003-4530-4844>

cesar@ufpa.br

RESUMO: A instauração da Zona Franca de Manaus (ZFM) - inserida no contexto dos grandes projetos de desenvolvimento para a Amazônia nas décadas de 1950-1970 -, deu origem a diversas implicações nos setores educativos, sociais, econômicos e trabalhista. A fim de compreender os impactos socioculturais ligados a ZFM, pretende-se tecer uma rede de apontamentos acerca da relação entre Literatura e História, para melhor compreender as especificidades analisadas na obra *A caligrafia de Deus*, de Márcio Souza (2007).

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia brasileira; educação; zona franca de Manaus; literatura.

ABSTRACT: The establishment of the Manaus Free Trade Zone (ZFM) - inserted in the context of major development projects for the Amazon in the 1950s-1970s - gave rise to several implications in the sectors educational, social, economic and labor. In order to understand the sociocultural impacts linked to ZFM, intend to weave a network of appointments about the relationship between Literature and History, to better understand the specificities analyzed in the work *The Calligraphy of God*, by Márcio Souza (2007).

KEY-WORDS: Brazilian amazon; education; free zone of Manaus; literature.

* Mestranda em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável pelo Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas (PPGAA). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com início no ano de 2024. Graduada no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

** Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense, onde também realizou Pós-Doutorado. Professor do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares e do Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, ambos da Universidade Federal do Pará. Editor da Nova Revista Amazônica/UFPA.

INTRODUÇÃO

A Zona Franca de Manaus está inserida no conjunto de projetos de desenvolvimento idealizado pelos governos militares brasileiros, dentro da chamada “Operação Amazônia”¹ durante o século XX. Sua ampliação e maior reconhecimento mediante o cenário nacional se deu de maneira definitiva na região de Manaus no ano de 1967, porém sua idealização começou de maneira oficial no ano de 1951, por meio do projeto de Lei Nº1.310 proposto pelo então Deputado Federal do Amazonas Francisco Pereira da Silva, em sua empreitada de construir um Porto Livre em Manaus (SUFRAMA, 2023).

Para Almeida (2011, p. 6-7) a ZFM foi apresentada inicialmente como Porto Livre por meio da Lei nº 3.173, de 6 de junho de 1957, sancionada pelo então presidente da época, Juscelino Kubitschek. Foi somente 10 anos depois, no governo do general-presidente Castello Branco, que a legislação que norteava a ZFM passou por uma ampliação através do Decreto-Lei nº 288, de 28 de fevereiro de 1967 e ganhou espaço mais significativo dentre os principais geradores de capital para o Brasil, reafirmando seu lugar como uma zona de comércio com incentivos fiscais atraentes para o mercado estrangeiro, e consequentemente com grande potencial na geração de renda e empregos no Brasil, sendo a administração dos recursos e planos da ZFM de encargo da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA).

Utilizar a literatura como fonte para identificar as problemáticas elencadas anteriormente permite compreender o papel da ZFM nas mudanças das dinâmicas sociais da região amazônica e os interesses que atravessam o seu processo de implementação, cujos efeitos vão desde o deslocamento de povos tradicionais, ausência de políticas públicas assistencialistas, incluindo a violência física e simbólica sentidas pelos sujeitos atingidos, incidindo nas formas de organização da sociedade, fato identificado a partir da análise dos contos utilizados na pesquisa, compreendendo a Manaus do década de 1970.

¹ A Operação Amazônia configurou-se como um conjunto de medidas, projetos e decretos implementados na Região Norte – visando promover os ideais governamentais da época – cujos objetivos eram promover discursos desenvolvimentistas para a região amazônica com a alegação de combater o atraso econômico na Amazônia, conforme discorre Gonçalves (2016) em sua dissertação de mestrado intitulada “De assombros e sonhos: lugares no Tempo Presente para a convergência militar-civil ao discurso de um “Brasil Grande” na Amazônia Paraense (1970- 1974)”.

Sarlo (1991) e Chartier (2002) apontam que toda produção literária é carregada de valores, modos de organização e ideologias obtidas no meio social na qual foram escritas. Isso implica dizer que as obras literárias se apresentam como uma importante ferramenta para os estudos da história, uma vez que permitem visualizar como determinados indivíduos ou grupos sociais construíram sua forma de idealização do real. Chartier (2002, p. 63) alerta “a não tratar as ficções como simples documentos, reflexos realistas de uma realidade histórica, mas atender à sua especificidade enquanto texto situado relativamente à outros textos e cujas regras de organização, como a elaboração formal, têm em vista produzir mais do que uma descrição”. Segundo o autor, toda produção é carregada de informações – diretas e indiretas – sobre o meio no qual se origina. Dessa forma é essencial ver a obra sobre um olhar multidisciplinar que consiga perceber as nuances que ela visa elucidar.

Destarte, a problemática que o estudo pretende abordar está centrada em dialogar sobre as transformações educativas, sociais e trabalhistas ocorridas em decorrência da implementação da Zona Franca em Manaus, a partir de dois contos: *A caligrafia de Deus*, que também dá título à obra do escritor Márcio Souza, e *No fim da tarde, antes do jantar*. Alguns dos principais pontos abordados no trabalho incluem a migração constante para a região de Manaus – especialmente aquelas influenciadas pela busca de melhores condições de educação e trabalho – ocasionada pela instauração da ZFM, o fenômeno do inchaço populacional na região causada pelas migrações e os impactos dessa instauração nos setores educativos, econômicos e trabalhistas.

Historicamente, a Amazônia tem sido vista a partir de uma perspectiva predatória, onde suas riquezas naturais são exploradas para alavancar a economia nacional e internacional e que, como destaca Becker (2005, p.2) “[...] alcançou o auge nas décadas de 1960 e 1980”. Entre às décadas de 1950 a 1970, a educação ganha importante destaque no cenário político brasileiro, pois passa a ser utilizada pelo governo e pelo mercado para a formação trabalhista e tecnicista dos sujeitos que buscavam uma formação mais voltada para ingressar imediatamente nas indústrias que cresciam exponencialmente com a valorização do mercado. A partir de um estudo interdisciplinar entre educação, história e literatura, esta pesquisa objetiva compreender as dinâmicas sociais na Zona Franca de Manaus por meio do estudo da obra *A caligrafia de Deus*, de Márcio Souza, além de apontar características – políticas, educativas e econômicas – do contexto histórico em que os contos se passam.

A pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa, tendo como método operacional a pesquisa de levantamento bibliográfico e documental no campo da educação, literatura e história, com a finalidade de alcançar os objetivos da pesquisa, mediante a leitura selecionada de obras sobre o tema. Na concepção de Minayo (2012, p. 622) “[...] fazer ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas, numa perspectiva em que esse tripé se condicione mutuamente”. As contribuições de Sarlo (1991), Ginzburg (1989), Sharpe (1992), dentre outros autores foi indispensável para construção das bases do estudo.

NOTAS SOBRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E LITERATURA

Por muito tempo, com a detenção da “história oficial” nas mãos das elites, apenas os documentos oficiais eram aceitos para a escrita da história. No entanto, as mudanças ocorridas na historiografia no século XX, sobretudo em relação às formas de conceber a história, permitiram o uso de novas fontes para além dos documentos oficiais (Burke, 1992). Neste período, a literatura, a narrativa e as memórias individuais e coletivas passam a ganhar espaço no campo dos estudos e na escrita da história, contribuindo para o processo de compreensão das formas de vida e de organização de determinada sociedade no espaço-tempo.

Sharpe (1992) escreve sobre a “história vista de baixo”, permitindo a geração de debates e discussões sobre a ausência de (re)conhecimento da “história das massas”, mais especificamente destaca o processo de invisibilização das experiências desses grupos pelas mãos daqueles que vêm tecendo as “histórias oficiais”. Thompson (1998) proporciona uma nova e diferente forma de pensar essa história, entendendo que ela deve ser narrada pelos operários, camponeses e demais coletivos marginalizados, – *os excluídos da história* sobre os quais escreve Michelle Perrot (2021) – colocando a cultura como um campo dinâmico que está em constante processo de construção.

Ressalta-se que a história vista de baixo “[...] ajuda a convencer aqueles de nós-nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar” (SHARPE, 1992, p. 62). Neste sentido, a história vista de baixo é o estudo das práticas e dinâmicas de subsistência dos sujeitos historicamente marginalizados e excluídos das narrativas hegemônicas, mas ela não deve ser resumida somente a isto, pois é também uma importante ferramenta para problematizar a história escrita pelas elites.

O uso da memória, para o fazer da história, por exemplo, permite entender como as memórias coletivas e individuais contribuem para os estudos dos modos de vida, organização e compreensão de mundo dos sujeitos, pois como ressalta Barros (2011, p. 330) “[...] onde existe o humano, pode-se dizer que a memória se estabelece, gerando os seus lugares”.

As memórias enquanto categorias analíticas de um determinado evento passado, ao valer-se de um conjunto de linguagens, signos e representações sociais cambiantes, desvelam a potencialidade de se pensar a materialidade simbólica de tempos e espaços históricos diversificados por meio de mecanismos de representação do passado, ao mesmo tempo em que sinalizam, a partir dos processos de apropriação, seleção e marginalização, as suas fragilidades, constituindo-se, portanto, como categorias em constante disputa, contestação e abuso (TODOROV, 2000).

O universo dos estudos sobre memórias, além de amplo e complexo, envolve o reconhecimento dessas categoriais como marcadas pela contradição premente na formação das ciências humanas, especialmente entre as limitações da perspectiva historiográfica positivista tradicional no uso das memórias, de um lado; e o enriquecimento de outras perspectivas e dimensões a partir das contribuições dos estudos da história cultural, de outro (BARROS, 2011; NORA, 1984).

Neste sentido, as obras literárias surgem como um importante elemento que carrega características das formas de organização, pensamento e visão de mundo de uma determinada comunidade, podendo ser o ponto de partida para se pensar de maneira mais crítica sobre os componentes socioculturais presentes em determinada obra. Os romances, poesias, contos e outros gêneros literários podem ser analisados por meio da relação entre a ficção e a história, possibilitando visualizar entre as linhas dos autores indícios e sinais que ajudem a desvendar o que Ginzburg (1989) chama de “zonas privilegiadas”. A partir das obras literárias, como fonte, é possível revisitar a história durante a implementação da ZFM por um ângulo pouco presente nos estudos sobre a temática.

Ginzburg (1989, p. 177), afirma que “[...] se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la. Entende-se que, na perspectiva do autor, a análise dos elementos considerados marginais ou de pouca importância permite remontar a uma realidade complexa, a qual não é possível experimentar de maneira direta no tempo presente.

No conto “A caligrafia de Deus”, os elementos discutidos sutilmente no cotidiano dos sujeitos – nas interações, nos cenários percorridos, nas vestimentas dentre outros aspectos – permitem visualizar como o autor constrói uma representação dos modos de organização e de vivências de comunidades amazônicas, constituídas por interações e construtos socioculturais ao longo da história. Perceber e decifrar estes indícios considerados, por muito tempo, marginalizados nos estudos da história, facilita a compreensão sobre a importância da realidade dos indivíduos representados nos personagens de Márcio Souza, que nos acontecimentos do seu dia a dia possibilitam o entendimento sobre as dinâmicas e acontecimentos históricos ocorridos na Amazônia no século XX.

As obras literárias, por meio de suas figuras de linguagem e diferentes usos da escrita em suas narrativas propiciam a interpretação e reflexão sobre o contexto em que a obra foi escrita, e quais eram as motivações do autor ao escrever. Segundo Sarlo (1991), sobre a utilização da literatura como fonte para a historiografia, é preciso compreender que existe nela uma “dimensão simbólica do mundo social”, uma vez que a obra literária não é construída de maneira excluída da realidade e época na qual foi elaborada, mas sim, está intrinsecamente ligada a ela, pois “[...] a literatura não poderia ser tratada como uma representação em palavras de uma realidade externa, mas como construção que faz parte dessa realidade [...]” (SARLO, 1991, p.11).

Partindo do pressuposto de que as obras literárias se relacionam com o tempo e o espaço das sociedades em que estão inseridas – de maneira que permitem visualizar as problemáticas, valores, modo de organização e vivências dos agentes desse determinado tempo-espaço – é possível explorar diversos aspectos relevantes da história.

A Amazônia, que por muitos séculos vem sendo alvo dos olhares nacionais e internacionais por ser considerada uma “região dos desejos e das aventuras” (Martins de SOUZA, 2018), também é mirada como inspiração para diversos autores, regionais e não regionais, que buscam representar as suas múltiplas realidades, propiciando a compreensão acerca das transformações ocorridas no território, sobretudo após o início da implantação dos grandes projetos promovido pelos governos militares brasileiros.

LITERATURA NA AMAZÔNIA

Falar sobre literatura na Amazônia implica lembrar que as múltiplas culturas amazônicas, e suas formas de expressão – literatura, música, dança, religiosidade,

culinária dentre outras – surgiram mediante as diversas trocas de conhecimentos e saberes dentre os sujeitos e povos ao longo da história.

Nos quinhentos anos de história brasileira, após a colonização/invasão europeia em 1500, a região amazônica foi muitas vezes descrita nas poesias épicas, nos livros e nos filmes como um território selvagem a ser explorado, como no livro *Inferno verde* (2001) de Alberto Rangel, e na obra cinematográfica *The Green Hell* (1988) de Antonio Climati.

A fauna e a flora amazônica, nestas e em outras obras, é por vezes representada de forma mística e misteriosa; pelas mãos de diversos autores que descrevem seres mágico-míticos-religiosos e uma gigantesca biodiversidade, assim como doenças e um clima implacável, como se ordenassem aos que desejam entrar nessa imensidão verde: “deixai, ó vós que entraís, toda a esperança!” (ALIGHIERI, 2022, p. 19).

No entanto, para além dessas representações, existem outros autores que escrevem sobre o cotidiano e as relações contemporâneas que ocorrem no espaço amazônico, sobretudo acerca dos fenômenos e transformações ocasionados pela instauração de grandes projetos na Amazônia sob o manto de “desenvolvimento”.

Dalcídio Jurandir, Milton Hatoum e Márcio Souza são alguns dos importantes nomes no tocante à escrita sobre o cotidiano, cenário, valores, tradições e vivências dos sujeitos amazônicos através das histórias de seus personagens. Em suas palavras eles tecem críticas – veladas ou não – sobre o modo de vida, educação e trabalho dos estados, cidades e municípios que compõem a Amazônia.

Para Martins de Souza (2018)², compreender as dinâmicas e relações construídas, de forma direta e indireta, dentro do espaço amazônico permite visualizar os diferentes modos de representação deste território por diversas perspectivas – regionais, nacionais e internacionais –, e as obras literárias são importantes contribuintes nesse processo.

O ensaísta, diretor de cinema, dramaturgo e romancista Márcio Gonçalves Bentes de Souza, nascido em 1946, na cidade de Manaus, capital do Amazonas, possui diversos escritos de grande relevância para a literatura brasileira. Carregadas de elementos característicos da Amazônia, suas obras não se acomodam a ficção e expressam

² “O lugar da região amazônica na História da humanidade é um tema importante porque permite refletir sobre como diversos países e mesmo aqueles que possuem a região dentro de seus territórios, veem e se posicionam sobre a região. As obras literárias também se constituem em uma fonte importante sobre o assunto, pois a partir delas se pode problematizar olhares sobre diferentes momentos da História da Amazônia” (Martins de Souza, 2018, p. 23).

elementos realísticos que caracterizam os modos de vida e organização dos grupos culturais amazônicos, sobretudo no que diz respeito a como se organizaram para continuar existindo em meio as conflituosas dinâmicas sociais da Manaus da década de 1970, que se encontrava mergulhada em um turbilhão de interesses políticos e econômicos.

Alguns de seus livros, como *Mad Maria* (1980) e *A caligrafia de Deus* (1994) denunciam os impactos econômicos, trabalhistas, educativos e socioambientais causados pelas grandes obras - promovidas e instauradas pelos governos militares à frente da política brasileira no século XX - nos estados, cidades e municípios do território amazônico.

O livro *A caligrafia de Deus* é composto por cinco histórias, que se passam em diferentes tempos e localidades, porém todas se conectam em algum momento com a cidade de Manaus. Os contos são: *A caligrafia de Deus* - que dá título à obra -, *No fim da tarde, antes do jantar*, *Sete horas na noite de uma cidade*, *Aquele pobre diabo e o Velho curtume do bairro*. Nas duas primeiras histórias, o leitor é convidado a mergulhar nos fenômenos cotidianos vivenciados pelos personagens do autor, que contam sobre os altos e baixos de suas vidas, e os caminhos que os levaram às situações em que se encontravam.

Tendo como personagens principais migrantes do interior do Amazonas, estes contos conversam sobre a migração em busca de melhores condições de educação e trabalho, e também sobre as consequências dessas migrações, especialmente no tocante ao cenário caótico da grande metrópole, que sobretudo entre 1960 e 1980 passa por um crescente e acelerado processo de urbanização. Dentre as consequências destas dinâmicas, estão, por exemplo, as mudanças de valores, transformações no universo do trabalho dentre outras especificidades, que vão de encontro aos modos de vida e organização dos personagens, que ao serem expostos ao que o autor chama de “loucura da zona franca” se veem na necessidade de arriscar tudo para conseguir sobreviver.

MIGRAÇÃO INTERNA, EDUCAÇÃO E TRABALHO

Nos contos *A caligrafia de Deus* e *No fim da tarde, antes do jantar*, o autor escreve conteúdos importantes sobre o fenômeno migratório que ocorreu dos interiores para as grandes metrópoles, como é o caso da região de Manaus. Estas migrações cresceram exponencialmente no século XX dada a instauração de grandes projetos na

Amazônia, e podem ser justificadas por diversos motivos (inter)pessoais, porém, na obra de Márcio Souza é nítida a ênfase na busca de melhores oportunidades de educação, trabalho e qualidade de vida.

Izabel Pimentel, uma das principais figuras do primeiro conto, entra em conflito consigo mesma ao refletir sobre a dinâmica de vida e valores das famílias do povoado de Iauareté-Cachoeira, especialmente ao concluir que não gostaria de ser como as demais jovens da comunidade, que denomina de “loucas”.

A água insinuava-se tépida e Izabel viu uma das meninas de sua idade descerem para a beira do rio, fazendo algazarra e levantando a barra malfeita dos vestidos. Eram moças sem nenhuma elegância, cabelos escorridos pelos rostos redondos, os seios quase em cone perfeito, iguais ao dela, despreocupadas e sentindo a água molhando as coxas. Izabel, nessa época, não sabia o quanto era deselegante e não tinha ainda reparado no corte grosseiro dos vestidos que usava. Depois é que foi descobrir o quanto eram loucas as suas colegas, que nem ao menos se preocupavam em escolher os vestidos ou sabiam o que era um batom ou xampu para os cabelos (SOUZA, 2007, p. 28).

A relação da personagem com Madre Lúcia começou com as aulas na escola Salesiana da Missão de São Miguel e os acordos construídos entre as duas, de que Izabel trabalhasse na roça, na limpeza da igreja, dentre outras atividades em troca da realização de tratamentos odontológicos que posteriormente viriam a ser motivo de sua mudança para Manaus, são alguns dos pontos essenciais da “virada” da história de Izabel.

Dois acontecimentos são descritos como fundamentais para compreender o desenrolar da história, o primeiro é a morte de Pedro Pimentel, aos 37 (trinta e sete) anos de um edema de bicho-de-pé, o que a personagem descreve como não tendo mudado em nada a sua vida, nem a de sua mãe Maria Pimentel, no entanto o leitor consegue visualizar que isso deu mais liberdade a personagem que passou a trabalhar, realizando difíceis tarefas na roça e na igreja, em troca do tratamento odontológico que conseguiria com Madre Lúcia, pois era seu desejo ficar com os dentes de porcelana tão brancos como os das “moças da cidade”.

O segundo foi a proposta trabalhista de Madre Lúcia para Izabel, de deixar sua localidade e partir para Manaus, para trabalhar no Colégio Salesiano de Manaus, e assim ela o fez. Neste ponto, o leitor é levado a visualizar a história, por outros ângulos - em meio à loucura coletiva decorrente do processo de implementação de grandes projetos na região amazônica, como a Zona Franca de Manaus.

Inácio, um dos protagonistas do conto *No fim da tarde, antes do jantar*, carrega o pensamento oposto ao de Izabel Pimentel, ele nunca quis sair da cidade de Anori, mas

incentivado por seu pai deixou sua casa para estudar e trabalhar na Cidade Nova em Manaus. Sua família, formada por agricultores que trabalham com a extração de castanha, foi influenciada pelas promessas de melhores condições na cidade. Inácio mandou seu filho, de mesmo nome, para morar com o tio: “O castanhal sempre foi o sustento da minha família. Mas meu pai é ambicioso e quis que o filho dele fosse um doutor, quem sabe até mesmo um político” (SOUZA, 2007, p. 56).

Bentes (1986), ao discorrer sobre o desenvolvimento regional e o processo migratório para Manaus em detrimento da instauração de uma zona franca na região, salienta que esse fenômeno dar-se-á por meio de vários fatores – econômicos, sociais, dentre outros – que atuam e contribuem para a circulação destes sujeitos. Urge ressaltar que a economia amazônica, especialmente no início do século XX, vinha sofrendo as consequências da queda da economia da produção de borracha, e a zona franca de Manaus, surgiu como uma nova promessa de desenvolvimento, não somente para a região, mas para todo o Brasil.

O jornal *O comércio*³ noticiava em suas páginas, no dia 01 de março de 1957, o sucesso da implantação de uma zona franca na capital do maior estado brasileiro, o Amazonas, e os benefícios econômicos que traria para a região. Escritas na manchete, as palavras do governador Areosa eram de que a Zona Franca de Manaus era “uma prova do quanto o Governo Federal vem preocupando-se com a situação do Amazonas” (NOVA, 01 mar. 1967).

A cidade de Manaus, especialmente nas décadas de 1970 a 1980, passou a ganhar, cada vez mais, olhares regionais, nacionais e internacionais. Os incentivos fiscais promovidos pelo Decreto-Lei N° 288, de 28 de fevereiro de 1967, eram atrativos o suficiente para fazer da região amazônica a “nova terra prometida”, e as migrações para a região transformaram diversos setores – trabalhistas, econômicos, sociais e ambientais da localidade.

São muitos os elementos sutis que Márcio Souza deixa em sua obra que facilitam a compreensão de alguns fatores que motivaram a dinâmica de migração dos personagens. Inácio, filho de coletores de castanha-do-pará, é confrontado por seu pai, e levado a cumprir com suas expectativas de ir em busca do sonho de melhores condições de vida e trabalho na cidade de Manaus:

E eu perguntei: Por que o senhor não deixou que eu ficasse em Anori?
[...] Mas ele nem respondeu. E nem tinha por quê. Eu sabia muito bem

3 Jornal extraído do acervo digital da Biblioteca Nacional do Brasil.

o que ele teria respondido. No fundo o meu fracasso em Manaus era melhor que o meu lento apodrecimento em Anori pelo menos aqui a gente apodrece mais rápido (SOUZA, 2007, p. 56).

A ideologia relacionada à busca por melhores condições de vida na cidade atravessa uma rejeição à vida nas comunidades ribeirinhas como se fossem lugares do atraso, enquanto Manaus e outros centros urbanos do país representariam o progresso e a superioridade na hierarquia social. Essa ideologia é marcada pelo etnocentrismo e pela marginalização de populações tradicionais e do campo.

Os trabalhos que Inácio obteve foram bem diferentes dos sonhados por seu pai. Primeiro trabalhara em uma ourivesaria, consertando relógios com seu tio, “[...] artesão de uma arte morta para consertar um objeto descartável” (SOUZA, 2007, p. 55). Posteriormente, caído de amores pela mocinha sem nome do conto *No fim da tarde, antes do jantar*, se viu deixando o trabalho com seu tio, além de abandonar o pouco dinheiro que ganhava para atuar como vigia em um depósito ilegal de mercadorias, somente para poder ficar com a mulher que amava.

Ela, antes de tudo, era filha do dono de um dos melhores comércios de Coari, estudou em colégios religiosos bem abastados pelas doações de seus pais. Seu desejo era ir para Manaus, para estudar e tornar-se veterinária, decisão muito apoiada por seus pais que não demoraram a se mudar para a capital do Amazonas. Foi então que, na rua Lobo D’Almada, Inácio a viu pela primeira vez dando início a uma intensa e trágica história de dois migrantes em Manaus, um que chegou obrigado na região e outra que foi atraída pelos encantos e oportunidades da grande metrópole.

Souza (1978) entende que a migração interna “[...] é um processo social resultante de mudanças estruturais de um determinado país, que provocam o deslocamento de grupos sociais, pertencentes às diversas classes sociais, os quais, por motivos diversos, deixam o seu município de origem e vão fixar residência noutro” (SOUZA, 1978, p. 48).

Brito (*et al*, 2001, p. 4) escreve que as migrações internas “[...] fizeram um dos elos mais importantes entre as profundas mudanças estruturais e a expansão urbana. O intenso crescimento da economia urbano-industrial, depois do Plano de Metas, até o final dos anos setenta, foi, do ponto de vista espacial e social, extremamente desequilibrado”.

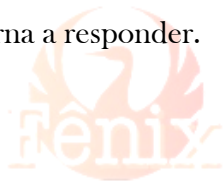
Nos contos de Márcio Souza, a dinâmica da migração interna é vista por diversos ângulos, e um deles é o dos sujeitos – especialmente os jovens – que iam para

Manaus contra sua vontade. Em uma das passagens do conto *No fim da tarde, antes do jantar*, Inácio exemplifica isto ao narrar:

Minha turma tinha cinquenta alunos. Cinquenta filhos da puta que nem eu. A maioria do interior, como eu. Quase todos estudando em Manaus contra a vontade, só porque o pai queria, ou a mãe, ou a puta que os pariu. Acho que por isso aquele pessoal não podia dar certo (SOUZA, 2007, p. 59).

A narrativa de Inácio viabiliza discutir sobre os impactos da ZFM e das migrações para Manaus, no setor educativo, especialmente na oportunidade de acesso à educação e diferentes níveis de qualidade de ensino. A escola que o personagem frequenta é uma instituição pública, a qual ele faz críticas relativas à segurança, carência na oferta de ensino e disparidade nos níveis econômicos.

A família de Inácio apenas podia lhe proporcionar acesso à escola pública, e durante o período noturno. Segundo o próprio personagem, o ensino ao qual ele era submetido não lhe dava tantas oportunidades quanto as que os filhos das famílias abastadas de Manaus possuíam, o que leva o leitor a refletir sobre como isto impactou nas oportunidades econômico-trabalhistas de Inácio, dilema que novamente, ele mesmo torna a responder.



Minha cabeça pensava, pensava, mas não adiantava, o dinheiro era sempre necessário, que jeito. O que eu podia fazer, estava fazendo: caminhar, ficar trançando as pernas pelas ruas do centro da cidade, olhando as vitrines cheias de aparelhos eletrônicos, televisões enormes, máquinas fotográficas, um mundo de coisas que só os turistas podiam pagar (SOUZA, 2007, p. 61).

Sobre este tema, referente à economia e à ZFM, Bentes (1986), Melo & Moura (1990) e Becker (2005) analisam alguns dos fatores e impactos da instauração da ZFM no fenômeno migratório com destino à região de Manaus, especialmente aqueles relacionados à urbanização acelerada e desordenada que ocorreu na localidade no século XX.

Segundo Melo & Moura (1990), o processo de urbanização acelerada ocasionado pela euforia da zona franca gerou, assim como o que acontece com a urbanização nos países em desenvolvimento, forte mudanças no modo de vida e de organização dos sujeitos da localidade.

De um lado, uma rápida urbanização, no sentido de concentração paulatina de população numa cidade, gera quase sempre novos hábitos de consumo, altera a demanda relativa dos bens de serviço, propicia ganhos de escala e economias externas tanto do lado do consumo, como da produção [...] Por seu turno, a urbanização rápida também põe à mostra efeitos que devem corresponder, pelo menos em parte, à

ampliação de problemas latentes ou preexistentes - subemprego de mão-de-obra, favelização da moradia, carência de serviços básicos, etc - e que antes passavam despercebidos ou eram menos evidentes. (MELO; MOURA,1990, p. 435).

Becker (2005, p.2) considera que Amazônia tem sido vista a partir de uma perspectiva predatória, onde suas riquezas naturais devem ser exploradas para alavancar a economia de todo o país e que alcançou o auge nas décadas de 1960 a 1980, durante os anos de chumbo dos governos militares no Brasil - período marcado por grandes empreitadas governamentais com o intuito de promover o acelerado crescimento da economia brasileira, utilizando a região amazônica como uma promessa de “Terras sem homens, para homens sem-terra” (SOUZA, 2020, p. 134).

O inchaço social causado pelo constante êxodo rural destas populações e, também de outros contingentes populacionais - principalmente da região nordeste do país - impactou sobremaneira os índices de violência e desenvolvimento humano das cidades periféricas às margens das grandes e ricas metrópoles como Manaus e Belém. Nas primeiras linhas do primeiro conto de seu livro, Márcio Souza descreve, por meio do dia a dia e da habitação de seus personagens residentes do bairro do Japim, as temáticas discutidas pela autora citada.

Quarenta e oito horas depois, havia dois cadáveres atravessados por balas de fuzil [...] O conjunto habitacional nunca ficaria pronto, e era um inferno de calor e poeira ao meio-dia, uma geladeira tropical de umidade e bruma durante a noite. Nada mais restava da antiga mata e o deserto estendia-se pelo lado das casas dos ribeirinhos. Nos meses de chuva, formava-se um atoleiro que era um verdadeiro nirvana para os porcos; nos meses sem chuva, uma paisagem marciana com todo o charme de um bairro avermelhado que empoava as crianças e as galinhas. Só a loucura da Zona Franca para fazer o pessoal do Japiim chamar aquelas quarenta e oito horas de muito divertidas [...] (SOUZA, 2007, p. 21-22).

Bentes (1986) trata de temáticas de indispensáveis para a compreensão sobre a relação entre os circuitos migratórios ocorridos na Amazônia, sobretudo na década de 1970, propiciando a compreensão de como Márcio Souza demonstra de maneira primorosa nas linhas de sua obra, estes traslados em busca de melhores condições de vida. Segundo o autor, a ampliação do comércio de produtos industrializados afeta o artesanato e as indústrias tradicionais das demais regiões que se encontram distantes dos núcleos urbanos.

As medidas atrativas da ZFM, visando especialmente o público estrangeiro - no caso dos incentivos fiscais - e os turistas e moradores locais, através da geração de emprego e por conseguinte carência de mão-de-obra especializada e não especializada,

são alguns dos elementos que, à primeira vista, podem se demonstrar como positivos na instauração da ZFM, porém, se analisados a longo prazo é possível visualizar o “desequilíbrio” que sua presença causou nos anos seguintes após a instauração do empreendimento.

A implementação da ZFM acelerou fluxos migratórios para Manaus, gerando consequências positivas e negativas, tanto para Manaus como para o interior [...] a partir de 1976 essa situação favorável começou a se deteriorar, em consequência das políticas de contingenciamento das importações, impostas pelo Governo Federal. Proliferaram as palafitas e surgiram as invasões de terrenos de propriedades do poder público e de particulares, que se constituem no embrião dos atuais bairros periféricos de Manaus de situação fundiária irregular. Aumenta a demanda de infraestrutura e serviços urbanos essenciais, sem que os órgãos competentes possam atendê-las satisfatoriamente [...] aumentam os roubos, o estelionato, os homicídios, e o lenocínio; surgem os assaltos à mão armada e os incêndios fraudulentos; todos os tipos de falcaturas são utilizados com vistas ao enriquecimento fácil. O desemprego, os baixos padrões salariais e a desestruturação familiar aumenta o número de menores carentes, a prostituição e a criminalidade em geral (BENTES, 1986, p. 251).

Márcio Soouza descreve temas latentes e de extrema importância nos contos de *A caligrafia de Deus*, tais como a questão da violência quanto a assaltos, roubos e assassinatos, assim como problemáticas sociais vinculadas a valores familiares e as relações entre a desestruturação familiar e a prostituição. No conto *No fim da tarde, antes do jantar*, os conflitos familiares não escapam das famílias mais abastadas de Manaus até as menos favorecidas economicamente, e a personagem principal do conto, par romântico de Inácio, acaba sendo assassinada e entrando para os números de vítimas da violência ocasionadas pela *loucura da zona franca*, da qual falava Izabel Pimentel no conto *A caligrafia de Deus*.

É descortinado, em vários momentos, e de maneira fidedigna, o cotidiano dos sujeitos engolidos por essa loucura da qual falava Izabel Pimentel que saiu de sua comunidade em Iauareté-Cachoeira, para trabalhar no Colégio Salesiano de Manaus, do qual fugiu e encontrou um trágico fim na loucura da zona franca de Manaus. Izabel ou Índia Potira - apelido pelo qual a jovem ficou conhecida no prostíbulo *O selvagem*⁴, no qual ela passou a trabalhar e ficar conhecida por sua calcinha cor de limão, assim como Catarro, personagem que ela conhece em seu trabalho, representam a imagem de inúmeros sujeitos que vivenciaram as consequências dos processos migratórios

4 “[...] o mais animado e turbulento dos prostíbulos e santuário de máximo da vida noturna da Zona Franca das Cem Mil Putas (Souza, 2007, p. 42).

desordenados para a região de Manaus. Ele desce de ribeirinhos, que chegou a Manaus para buscar uma vida mais fácil, ela desce de indígenas Tukano e Baniwa que chegou à região com os mesmos sonhos, personagens esquecidos de Buñuel (1950), seja em suas terras de nascença, seja na loucura da zona franca de Manaus, onde tornaram-se outros números a serem adicionados aos índices de vítimas do aumento da violência na região com a instauração da zona franca.

Os cenários caóticos e de extrema violência – física e simbólica – descritos por Márcio Souza demonstram com exatidão os impactos descritos por Bentes (1986) ao escrever sobre as consequências do acelerado processo de urbanização na região de Manaus. No final trágico de Izabel e Catarro e de Inácio e sua amada, percebe-se novamente o sarcasmo utilizado pelo autor ao referir-se à caligrafia de Deus como uma escrita malfeita, de forma a instigar o leitor a refletir mais atentamente sobre os apontamentos trazidos nos dois primeiros contos que compõem a obra, como a relação entre a educação informal e os vínculos familiares para a manutenção de desigualdades e ideais excludentes, e como estes desdobram-se e afetam as dinâmicas econômico-trabalhistas dos personagens do conto.



Ela dizia umas coisas engraçadas, típicas de uma louca, como naquela vez que ele saiu todo esborrachado da Central de Polícia e ela cuidou dele [...] que ele era um cara que tinha direitos, um cidadão, mesmo sendo filho de um ribeirinho que via sua casa alagada todos os anos [...] Deixou que um pensamento entrasse em sua cabeça; pensou que a Índia Potira era uma dona muito louca, e que se Deus escrevia tudo aquilo, não era só o caso de linhas tortas, é que ele tinha certamente uma péssima caligrafia (SOUZA, 2007, p. 48-49).

Ao analisar a obra de Souza, e relacionar sua elaboração à visão e debates de autores que discutem os entrelaçamentos entre história, literatura e educação, como Becker (2005), Sarlo (1991) e Gohn (2010), conclui-se que as linhas escritas por Souza narram sobre uma realidade que ele mesmo viveu, respirou e observou ao longo de seus anos em Manaus. Estas mesmas experiências que posteriormente vieram a ser ilustradas nas páginas de seu livro. Cabe colocar *A caligrafia de Deus* e *No fim da tarde, antes do jantar* – contos que compõem o livro *A caligrafia de Deus* – como parte da construção da História da Zona Franca de Manaus e suas especificidades, sendo possível conceber, através de problematizações e discussões, os impactos nos setores educativos, econômicos e sociais causados pela ZFM.

Ao compreender as núncias tecidas pelo autor entre ficção e realidade, entende-se a forma que o sujeito leitor fique instigado com os mistérios e as narrativas

surpreendentes e chocantes, mas também, tão reais e tangíveis construídas por Márcio Souza em sua obra, uma vez que suas contribuições escritas auxiliam na construção imagética de como desdobram-se as vidas daqueles atingidos pela instauração de uma zona franca na região de Manaus, de maneira direta ou simbólica, especialmente no tocante à educação.

O crescimento constante no número de moradores na região de Manaus – descrito nas entrelinhas dos contos *A caligrafia de Deus* e *No fim da Tarde Antes do Jantar* – expõe processos de migrações internas ocorridas no Amazonas do séc. XX e a necessidade de demandas educacionais que atendessem a população que aumentava cada vez mais.

O ensino técnico passa, então, a ganhar mais espaço nas discussões sobre educação, uma vez que, como bem coloca Evangelista (2007, p. 38) “[...] esse modelo de educação visava adequar-se ao sistema de produção capitalista, com redução de tempo, esforços e custos na formação de uma sociedade da era industrial e tecnológica”, ou seja, atendia aos requisitos desejados para a demanda de mão-de-obra especializada que a ZFM exigia.

Sobre esta modelagem de ensino, infere-se uma crítica recorrente no que diz respeito à formação do indivíduo voltada somente para o mercado de trabalho, deixando marginalizado o acesso à formação integral, atendendo somente os valores educacionais exigidos para o trabalho. Segundo Monteiro (1986) essa diferenciação da educação para com os trabalhadores e exaltação do capital humano pode contribuir para práticas de discriminação social, por meio da alienação e trato de indivíduos como “coisas”.

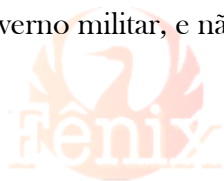
Desse modo, todas as organizações e instituições refletem essas relações sociais de produção, e a educação, enquanto prática social, também é alienante e coisificadora, dentro de seus limites. Reflete a divisão social do trabalho (trabalho manual e trabalho intelectual), escolas profissionais para uns (educação pelo trabalho ou para o trabalho, como apregoam) e escolas integrais para outros, ou então, em sua forma mais moderna, escola pública de qualidade sempre questionável para uns, e escola privada, de melhor qualidade, para outros (MONTEIRO, 1986, p. 84).

Souza (2007) por meio da figura de Inácio demonstra esta divergência na qualidade de ensino para os mais e os menos abastecidos moradores de Manaus. Ao acompanhar o personagem o leitor tem acesso a um vislumbre de como os desejos e influências das famílias contribuem para o crescimento pela busca da escolarização na metrópole, que é vista como detentora de novas oportunidades de vida, educação e trabalho pelos interioranos do Amazonas.

A minha escola tinha uma farda. Calça azul e uma camisa de malha branca com as mangas, o colarinho e o monograma da escola em vermelho. Imitava a farda da melhor escola de Manaus, a escola dos filhinhos de papai, mas a gente era um bando de fódidos, isso sim. Primeiro porque filhinho de papai não faz curso noturno. Depois, não anda de ônibus como todo o pessoal que frequentava a minha escola. Acho que lá até os professores chegavam de ônibus (SOUZA, 2007, p. 59).

É necessário enfatizar a contribuição deste processo educacional para a manutenção das desigualdades sociais já existentes, em especial seu reflexo no setor trabalhista, uma vez que aqueles que possuíam a instrução educacional, sobretudo formação técnica para a indústria, mantinham uma vantagem em relação aos grupos sem a formação escolar adequada.

Conforme apontam Almeida & Melo (2016), a educação no cenário amazônico do séc. XX foi submetida à dinâmica de trabalho e produção e o ensino técnico foi uma ferramenta indispensável neste processo, uma vez que as políticas educacionais elaboradas pelo Estado, as práticas e as formas de organização curricular, em especial as instauradas entre 1960 e 1970, priorizavam as ideais desenvolvimentistas propagadas pelo governo militar, e não as particularidades da região amazônica.



A educação/escolarização nessa perspectiva passou a ser compreendida como fator fundamental para o desenvolvimento econômico, social e cultural da sociedade; como catalizadora da reconstrução nacional para um país moderno e desenvolvido, assentado numa sociedade urbano-industrial, com um Estado de caráter indutor dos setores de base da economia, possibilitando a integração nacional e acúmulo de capital interno mediante um novo ajuste do modelo de produção (ALMEIDA; MELO, 2016, p 79).

Seráfico (2007) aponta que a ideia de “desenvolvimento” elaborada para a região amazônica, no decorrer da história, fez com que a pauta “desenvolvimentista” fosse vista e tratada com prioridade pelo Estado. No caso da Zona Franca de Manaus, dada sua atratividade ao mercado estrangeiro, era essencial o sucesso de seu regime aduaneiro especial, mantendo a zona livre de impostos e com outras características que beneficiariam os interesses econômicos das empresas transnacionais.

No entanto, enquanto o governo priorizava o lucro e o “desenvolvimento” da Amazônia, problemáticas como desigualdade social, falta de acesso à educação integral, moradia, saneamento básico, além dos impactos socioambientais tornavam-se mais recorrentes e alarmantes. Através de obras literárias como *A caligrafia de Deus* de Márcio Souza é possível perceber como estas problemáticas, especialmente as relacionadas aos fenômenos educativos, se desdobravam no cotidiano dos sujeitos, uma vez que os contos

que compõem a obra carregam os valores e modos de organização e pensamento da sociedade na qual foi construída, na Manaus do século XX.

É possível entender, por meio das linhas escritas pelo autor, as múltiplas dinâmicas e interações que caracterizam a heterogeneidade⁵ da região amazônica, e assim tecer uma rede de apontamentos e discussões sobre as problemáticas descritas primorosamente por Souza (2007) através de seus contos, proporcionando ao leitor identificar características e tessituras históricas referentes à região amazônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao entender a literatura como um importante caminho para compreender e identificar os indícios do tempo, os aspectos históricos, educativos, sociais e culturais de um determinado período ou grupo social no tempo, é ressaltada a contribuição significativa de obras como a de Márcio Souza (2007), que por meio de suas palavras utiliza da influência e múltiplas possibilidades de abordagens e tratos com a literatura para construir uma rede de apontamentos sobre as especificidades da Zona Franca de Manaus, de forma a garantir espaço e liberdade poética o cotidiano dos sujeitos excluídos e ignorados na região amazônica.

Nota-se que o autor na escrita de seus contos *A caligrafia de Deus* e *No fim da tarde, antes do jantar* – assim como nos estudos dos demais autores citados nesta pesquisa – consegue, por meio de palavras e seriedade na escrita, evidenciar a importância de se debater e utilizar a literatura nos estudos da História, especialmente sobre a compreensão dos costumes, pensamentos e conflitos de um espaço e tempo, levando à compreensão sobre a complexa rede de vivências e dinâmicas sociais envolvidas na instauração de um grande projeto como a ZFM.

A obra de Souza permite analisar diversos fenômenos e impactos nos campos educativo, econômico, social, dentre outros. Os apontamentos do autor evidenciam a realidade de muitos grupos sociais amazônicos que tiveram suas dinâmicas de organização alteradas, tornando-se vítimas de diversos processos de violências físicas e simbólicas. Assim, uma vez entendido que o livro *A caligrafia de Deus* – especialmente os contos elencados para o vigente trabalho – é uma importante fonte para pensar a

5 Ver HAGE, Salomão Mufarrej. Educação na Amazônia: identificando singularidades e suas implicações para a construção de propostas e políticas educativas e curriculares. In: HAGE, Salomão Mufarrej. (Org.). **Educação do campo na Amazônia: Retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará.** Belém: Gráfica e Editora Gutenberg, 2005.

multiplicidade de categorias e sujeitos atingidos pela instauração da ZFM, compreende-se a relevância da obra para o estudo acerca do desdobramento histórico da zona franca de Manaus e suas intercorrências.

Evidencia-se que a partir dos escritos do autor é possível identificar os diversos cenários, organizações e transformações gerados pela construção da ZFM. Infere-se que para que esta conclusão fosse viável, as ideias e conceitos de Sarlo (1991) sobre a relação entre literatura e história, em especial suas conclusões sobre a literatura como fonte para entender as percepções e transformações no contexto social em que a obra foi elaborada, como parte constituinte da História, foram indispensáveis, pois permitem afirmar que a obra *A caligrafia de Deus*, um importante material para pesquisas acadêmicas no campo da educação, história e literatura.

A partir dos contos analisados foi possível identificar diversas especificidades que marcam os fenômenos educativos e trabalhistas na região de Manaus, e os efeitos da instauração da ZFM vão desde deslocamento de povos tradicionais, ausência de políticas assistencialistas de qualidade e violência física e simbólica, além dos problemas referentes ao grande número de migrantes para a região, que afeta a educação e o trabalho, uma vez que a demanda de mão de obra especializada para atender a demanda das indústrias exige uma modelagem de educação mais rápida e que atenda aos interesses do capital.

Também é possível concluir que a obra de Souza permite dialogar com as transformações ocorridas na educação na região de Manaus, mas também na Amazônia como um todo, durante os governos militares brasileiros, com o intuito de atender aos interesses do mercado nacional e internacional. O ensino técnico, ou ensino profissional, por exemplo, é uma modalidade de ensino que garante uma formação mais rápida e voltada para o universo do trabalho, no entanto, deixa lacunas no que se refere à formação integral dos indivíduos, não cabendo a este trabalho dialogar mais profundamente sobre o assunto.

É perceptível a preocupação do autor em citar na sua obra os problemas latentes na disparidade educacional na região de Manaus, que contribui direta e indiretamente para a manutenção de um sistema de ensino excludente e discriminatório, onde os mais abastados possuem melhores condições de vida e ensino. A migração interna na Amazônia - que colabora com a problemática descrita anteriormente - que ocorreu de maneira massiva durante o século XX, causada principalmente pelas políticas e promoções do estado para garantir a ocupação do território amazônico, também é discutida pelo autor, dessa forma é necessário salientar, a importância em analisar a obra

A caligrafia de Deus com o intuito de construir uma rede de apontamentos para construção de trabalhos acadêmicos, com o objetivo de se compreender as dinâmicas ocorridas em Manaus e na Amazônia ao longo da história.

Conclui-se que os impactos educativos, socioambientais, trabalhistas e econômicos decorrentes da implantação da zona franca de Manaus foram muitos, e configuraram-se de diversas formas, atingindo direta e indiretamente os sujeitos abrangidos pelo empreendimento. Nesse sentido, é essencial continuar (re)lembrando que esta região, antes de se tornar um polo industrial atrativo ao mercado estrangeiro, é um cenário que abriga diferentes grupos sociais, sendo importante considerar – especialmente no que se refere a implementação de projetos – à heterogeneidade da localidade e as especificidades educativas que a permeiam.

REFERÊNCIAS

ALIGUIERI, Dante. **A Divina Comédia: Inferno**. Trad. José Pedro Xavier Pinheiro. – Jandira, SP: Pincipis, 2020.

ALMEIDA, K. N. C.; MELO, Clarice Nascimento de. Educação e desenvolvimentismo no Pará: as políticas “redentoristas” do governo de Zacarias de Assumpção - 1951 a 1956. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 16, p. 76-86, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8648237/15128>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ALMEIDA, Raimundo Nonato Pinheiro de. **A Zona Franca de Manaus no contexto da política industrial brasileira**. XXXV Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro. 2011.

BARROS, José D’Assunção. Memória e História: uma discussão conceitual. **Revista Tempos Históricos**. Marechal Cândido Rondon-PR: UNIOESTE, Vol. 15, 1o semestre de 2011, p. 317- 343.

BENTES, R. M.. Zona Franca, Desenvolvimento Regional e o Processo Migratório para Manaus. In: Luiz E. Aragón; Luc Mougeot. (Org.). **Migrações Internas na Amazônia: Considerações Teóricas e Metodológicas**. Belém: NAEA, 1986, v. , p. 220-255.

BECKER, Bertha K.. Geopolítica da Amazônia. **Estud. av.**, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 71-86, Apr. 2005.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia de assuntos jurídicos. **DECRETO-LEI Nº 288 DE 28 de FEVEREIRO DE 1967**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0288.htm>. Acesso em: 22 de fev. 2024.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **LEI Nº 3.173, DE 6 DE JUNHO DE 1957**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L3173.htm>. Acesso em: 22 fev. 2024.

BRITO F, HORTA CJG, AMARAL EFL. “A urbanização recente no Brasil e as aglomerações metropolitanas.” **Open Science Framework Preprints**. 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.31219/osf.io/84b92>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BUÑUEL, Luis. **OS ESQUECIDOS**. Produção de Oscar Dancigers. México: Versátil, 1950. 76min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xsZh5tArh4s>>. Acesso em: 10 Jan. 2024.

BURKE, Peter. **A escrita da História – novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed., Lisboa: Difel, 2002.

EVANGELISTA, Luiz Gonzaga Quintino. **O ensino técnico no Brasil e a trajetória do Centro Federal de Educação Tecnológica de Januária (CEFET – Januária)**. Dissertação de Mestrado. 2007. PPGDS, Unimontes. Disponível em: <<https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/20/2019/06/Luiz-Gonzaga-Quintino-Evangelista.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez editora, 2010.

GONÇALVES, Eliezer da Rocha. **De assombros e sonhos: lugares no Tempo Presente para a convergência militar-civil ao discurso de um "Brasil Grande" na Amazônia Paraense (1970- 1974)**. 302 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

HAGE, Salomão Mufarrej. Educação na Amazônia: identificando singularidades e suas implicações para a construção de propostas e políticas educativas e curriculares. In: HAGE, Salomão Mufarrej. (Org.). **Educação do campo na Amazônia: Retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Gráfica e Editora Gutemberg, 2005.

MARINS DE SOUZA, César. A região dos desejos e das aventuras: diálogos sobre grandes projetos de integração e desenvolvimento na Amazônia nos séculos XIX e XX. **Cadernos do CEOM**, Chapecó (SC), v. 31, n. 48, p. 21-29 Jun/2018.

MELO, M. L. de; MOURA, H. A. de (Coord.). **Migrações para Manaus**. Recife: Massangana, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. 2012, v. 17, n. 3, pp. 621-626. Epub 13 Nov 2012. ISSN 1678-4561. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>>. Acesso em: 13 de nov. 2023.

MONTEIRO, Terezinha Fatima Andrade. **Educação e trabalho nos planos nacionais de desenvolvimento no período 1970/1980: um estudo introdutório sobre a realidade da**

- SUDAM. Dissertação (Mestrado em Educação) - FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1986.
- NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire : la problématique des lieux. In: GERON, CharlesRobert. (org). **Le lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984. v.2. La Nation.
- NOVA fase para o Amazonas. Manaus dentro da Zona Franca. **Jornal do Comércio**, Manaus, Ano LXIII, Nº 19.259, p.1-8, 01 de março de 1967. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/170054/per170054_1967_19259.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2023.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 11ª ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. 5ª ed. Manaus: Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2001.
- SARLO, Beatriz. **Literatura e historia**. Boletín de Historia Social Europea, p. 25-36. Memoria Académica, 1991. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.2418/pr.2418.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- SERÁFICO, José. **O desafio amazônico**. Belém: Imprensa Oficial, 2007.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. **A escrita da história, novas perspectivas**. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 39 - 65.
- SOUZA, Itamar. **Migrações Internas no Brasil**. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Mimeog., FFLCH/USP, 1978.
- SOUZA, Márcio. **A caligrafia de Deus**. São Paulo. Editora Lazuli: companhia editora Nacional, 2007.
- SOUZA, Matilde de. Transamazônica: integrar para não entregar. **Nova Revista Amazônica**, Bragança, v. 8, n. 1, p. 133-1582, abr. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/nra.v8i1.8624>. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/12595>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- SUFRAMA, **A história da Zona Franca de Manaus, em resumo**, c2023. Zona Franca de Manaus - ZFM: Histórico. Disponível em: <<https://www.gov.br/suframa/pt-br/zfm/o-que-e-o-projeto-zfm>>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- THE GREEN HELL**. Direção: Antonio Climati. Produção de Medusa Film & Reteitalia. Itália: Medusa Film & Reteitalia, 1988. Youtube (90 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2zPnVQ6nkYk&t=2588s>>. Acesso em: 26 out. 2023.
- THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes Em Comum: Estudo Sobre Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1988.
- TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Barcelona/Espanha: Paidós Ibérica, 2000.

Recebido em: 21/05/2024
Parecer dado em: 19/08/2024